

A TEORIA DA OBRA HISTÓRICA EM HAYDEN WHITE: ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA

Marcus Silva da Cruz*
Gabriella Lima de Assis*

Recebido 01/06/2013 Aprovado 05/11/2013
--

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar os principais elementos literários elencados por Hayden White que fazem parte da narrativa histórica, em seguida verificar a maneira como seu trabalho tem sido recebido, apresentando a forma pelo qual ele respondeu algumas das principais críticas direcionadas as suas teorias.

Palavras-chave: Teoria – História – Literatura.

Abstract: The purpose of this paper is to analyze the major literary elements listed by Hayden White that are part of the historical narrative, then see how your work has been received, showing the way by which he answered some of the main criticisms directed their theories .

Keywords: Theory – History – Literature.

Introdução

O discurso histórico, como qualquer outro discurso, está inserido dentro de um processo de comunicação, de transmissão de uma mensagem específica, cujo sistema de enunciação é constituído por um enunciante (o historiador), um documento (indício do passado, ou o próprio fato histórico), um enunciado (o texto da História), um referente (contexto) e um receptor (o leitor). No caso do discurso histórico, como Rolanda Barthes (2004) demonstrou na sua obra *O Rumor da Língua*, o historiador oferece um tratamento específico ao fator referente no seu texto por meio da teoria, da metodologia e da historiografia, tornando o seu texto especializado.

O objetivo deste artigo é descrever a maneira singular pela qual o teórico e crítico norte-americano, Hayden White, analisou essa estrutura do discurso histórico, estabelecendo uma correlação com a literatura, como também verificar as críticas direcionadas a sua forma de interpretação da narrativa da História.

* Doutor em História Social pela UFRJ. Professor do Departamento de História da UFMT. *E-mail:* maruscruz@uol.com.br

** Doutoranda em História da UFMT. *E-mail:* gabriella.lima@gmail.com

O trabalho histórico

Entre as principais obras que compõe a carreira de Hayden White podemos citar *Meta-História* publicado em 1973, *Trópicos do Discurso* publicado em 1978, *O Conteúdo da Forma* publicado em 1987, e *Realismo Figural* publicado em 1999. Dentre estas, apenas *Meta-História* não é uma reunião de ensaios distintos publicados em diversas revistas internacionais ao longo de diferentes anos. A critério de síntese, podemos dizer que White enfocou em seus estudos dentro da teoria da história três áreas principais: a filosofia da história, a história da historiografia e a interdisciplinaridade da história.

Para responder a questão norteadora deste artigo, tomamos como referência a influente publicação de 1973. Nesta obra cujo título completo é *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*, Hayden White apresentou e explicou a sua teoria formal do trabalho histórico. Para o autor, o trabalho histórico pode ser definido como uma estrutura verbal na forma de um discurso narrativo em prosa. Nesse sentido, as histórias bem como as filosofias da história seriam a combinação de certa quantidade de dados, conceitos teóricos e uma estrutura narrativa.

Sobre quais seriam os intuítos de White com esta obra, o próprio autor esclareceu como podemos ver no fragmento de texto selecionado a seguir, em que ele apresenta também as justificativas para a sua pesquisa.

Um dos meus intuítos fundamentais, além daquele de identificar e interpretar as principais formas de consciência histórica na Europa oitocentista, é estabelecer os elementos inconfundivelmente poéticos presentes na historiografia e na filosofia da história em qualquer época que tenham sido postos em prática. Diz-se com frequência que a história é uma mescla de ciência e arte. Mas, conquanto recentes filósofos analíticos tenham conseguido aclarar até que ponto é possível considerar a história como uma modalidade de ciência, pouquíssima atenção tem sido dada a seus componentes artísticos. Através da exposição do solo lingüístico em que se constituiu uma determinada idéia da história tento estabelecer a natureza inelutavelmente poética do trabalho histórico e especificar o elemento prefigurativo num relato histórico por meio do qual seus conceitos teóricos foram tacitamente sancionados.¹

¹ WHITE, Hayden. *Meta-História: A imaginação Histórica do século XIX*. Tradução de José Laurêncio de Melo. 2ª Ed. São Paulo: Editora da USP, 2008. p. 13.

Para atingir seu objetivo e assim analisar a escrita da narrativa histórica, White distingue três tipos diferentes de estratégias que os historiadores podem lançar mão com a finalidade de estabelecer uma impressão explicativa em sua narrativa. Denominadas de explicação por argumentação formal, explicação por elaboração de enredo e explicação por implicação ideológica, cada uma dessas estratégias possuem subdivisões cujas combinações formam um estilo historiográfico determinado. Para o autor, a escolha dessas estratégias conceituais é um ato poético e vincula os tropos da linguagem poética, que são a metáfora, a metonímia, a sinédoque e a ironia.

Formismo, organicismo, mecanicismo e contextualismo são formas de explicação por argumentação formal, a escolha de uma delas depende de uma operação cognitiva particular dos historiadores.

Quanto a explicação por elaboração de enredo, segundo White, a narrativa histórica pode assumir as formas seguintes: romanescos, comédia, trágico e sátira. Para o autor, a escolha de umas dessas formas corresponde a uma percepção estética do historiador.

No tocante a explicação por implicação ideológica, como explicou White, a forma dada pelo historiador ao seu relato tem implicações ideológicas concordantes com o anarquismo, conservantismo, radicalismo e o liberalismo.

Graficamente, o próprio Hayden White² representou em sua obra os três modos de explicação da maneira esquematizada a seguir:

<i>Modo de Elaboração de Enredo</i>	<i>Modo de Argumentação</i>	<i>Modo de Implicação Ideológica</i>
	Formista	
Romanesco	Mecanicista	Anarquista
Trágico	Organicista	Radical
Cômico	Contextualista	Conservador
Satírico		Liberal

O objetivo de Hayden White ao distinguir esses vários tipos de estratégias explicativas foi estabelecer os elementos poéticos presentes no texto histórico. Para

² WHITE, Hayden. **Meta-História...** Op. Cit., p. 41.

tanto, o autor buscou responder em seu livro quais são as características do método histórico de investigação, bem como o que significa pensar historicamente. Nesse sentido, White procurou em primeiro lugar “esclarecer em que poderia consistir a estrutura típico-ideal da obra histórica”³ para assim encontrar os elementos distintivos de qualquer obra histórica ou da filosofia da história conhecida.

Sendo assim, White tentou expor os níveis nos quais a narrativa histórica é concebida, chegando a conclusão de que para tornar um registro histórico compreensível sua organização passa pela “1) crônica; 2) estória; 3) modo de elaboração de enredo; 4) modo de argumentação; e 5) modo de implicação ideológica”,⁴ sendo que, o historiador “acha” suas estórias enterradas nas crônicas, então ele organiza os eventos das crônicas dentro de uma hierarquia de significação, que remete a uma explicação por elaboração de enredo, argumentação e implicação ideológica.

Modo de elaboração de enredo

A elaboração do enredo promove sentido a narrativa histórica pela modalidade da história, é a via pela qual uma sequência de eventos modelados numa estória gradativamente se revela como sendo uma estória de um tipo determinado. White identificou quatro modos de elaboração de enredo seguindo a teoria literária de Northrop Frye: estória romanesca, sátira, comédia e tragédia.

Explicando cada forma de estória, White definiu o enredo de uma história romanesca como um drama associado a ideia do herói, que por sua vez traz consigo a noção de redenção, enquanto a sátira seria o drama da disjunção, na qual o homem é cativo do mundo, este estilo repudia as concepções rebuscadas do mundo. Na comédia, em sua concepção concordante com Frye haveria vitórias provisórias, ocasiões de festas que desembocam em relatos dramáticos de mudança. Por fim, a tragédia foi definida como uma crônica das estruturas vigentes, na qual há sugestões de estados de divisão entre os homens, é uma forma de estória que diz das condições inalteráveis e eternas do mundo.

Para White,

³ Ibidem, p. 20.

⁴ Ibidem, p. 21.

as “estórias” históricas tendem a incluir-se nas categorias elaboradas por Frye precisamente porque o historiador resiste à construção das peripécias complexas que constituem o fundo de comércio do romancista e do dramaturgo. Exatamente porque o historiador não está (ou pretende estar) contando a estória “pela estória”, inclina-se ele por colocar suas estórias em enredo segundo as formas mais convencionais – como o conto de fadas ou a novela policial por um lado, ou como estória romanesca, comédia, tragédia ou sátira por outro.⁵

Nesse sentido, entendemos a afirmação de White que o historiador faz “a um só tempo arte e ciência”,⁶ por um lado este historiador traça as operações de investigação e por outro lado ele estabelece uma operação narrativa. Prossegue o autor com sua explicação acerca da relação entre a história e a ciência,

mas a história difere das ciências precisamente porque os historiadores discordam, não só sobre quais são as leis de causação social que poderiam invocar para explicar uma dada sequência de eventos, mas também sobre a questão da forma que uma explicação científica deve assumir [...]. Entre os historiadores não existe tal acordo, nem nunca existiu. Isso talvez simplesmente reflita a natureza protocientífica da empresa historiográfica, mas é importante ter em mente essa discordância (ou falta de discordância) congênita sobre o que importa como explicação especificamente histórica de qualquer conjunto dado de fenômenos históricos. Pois isso significa que as explicações históricas são obrigadas a basear-se em diferentes pressupostos meta-históricos acerca da natureza do campo histórico, pressupostos que geram diferentes concepções dos tipos de explicações que podem ser usadas na análise historiográfica.⁷

Na análise de Hayden White acerca da consciência histórica do século XIX, o historiador Michelet elaborou suas histórias no modo romanesco, Ranke no modo cômico, Tocqueville utilizou o modo trágico e Buckhardt usou a sátira. Sendo assim, enquanto Michelet e Ranke encararam a história como uma estória que se desenvolve, Tocqueville concebeu-a como um intercâmbio entre elementos irreconciliáveis da natureza humana e da sociedade, para este a história avançava para a colisão de grandes forças no presente ou no futuro próximo, e para Buckhard, que não via nada em desenvolvimento, as coisas coalesciam de modo a formar um tecido de maior ou menos

⁵ Ibidem, p. 23-24.

⁶ Ibidem, p. 27.

⁷ Ibidem, p. 27-28.

brilho e intensidade, maior ou menos liberdade ou opressão, maior ou menor movimento.⁸

De maneira mais específica, para o teórico Hayden White um enredamento satírico corresponde a uma espécie diferente de restrição às esperanças, possibilidades e verdades da existência humana apresentadas na estória romanesca, na comédia e na tragédia. A sátira trata ironicamente as esperanças, as possibilidades e as verdades, ela pressupõe uma inadequação última das visões do mundo representadas pelos demais gêneros. Como consta, a sátira “observa essas esperanças, possibilidades e verdades ironicamente, na atmosfera gerada pela percepção da inadequação última da consciência para viver feliz no mundo ou compreendê-lo plenamente”.⁹ Ela é ultrarrealista. Daí a contraposição entre estória romanesca e sátira. Na primeira a existência é idealizada: há a vitória do bem contra o mal, enquanto na estória satírica, porém, desce-se do mundo idealizado à experiência concreta, sem vitória do bem sobre o mal e, mais que isso, sem essa polarização de forças, assim o ceticismo faz parte das caracterizações do mundo em enredos vazados no modo satírico.

Modo de argumentação

O instrumento da explicação por argumentação formal é utilizado pelo historiador no momento de sua escrita para explicar a finalidade e o significado dos eventos postos no enredo do seu relato. Para Hayden White as explicações históricas precisam basear-se em diferentes pressupostos meta-históricos, gerando diferentes concepções dos “tipos de explicação” que podem ser usadas na análise historiográfica.

Como formas básicas de reflexão discursiva, White definiu os modos formista, organicista, mecanicista e contextualista. Cada um deles expressando uma visão determinada da natureza da realidade histórica e a forma argumentativa mais apropriada que o relato histórico deve assumir. Para diferenciá-los o autor se baseou no trabalho de Stephen C. Pepper.

O modo formista identifica as características ímpares dos eventos históricos, nesse sentido, a unicidade dos diversos agentes, agências e atos que compõe os eventos por explicar é fundamental para as investigações. O modo formista possui caráter dispersivo nos termos de Pepper.

⁸ Ibidem, p. 241.

⁹ Ibidem, p. 25.

O modo organicista possui caráter integrativo e reutivo, descreve os pormenores discernidos no campo histórico como componentes de processos sintéticos, tende a ver os processos individuais agregados as totalidades, não busca leis gerais, procura formular os princípios e as ideias que informam os processos.

O modo mecanicista busca leis causais que determinem os resultados dos processos descobertos no campo histórico. Assim, estuda a história para predizer as leis que governam suas operações e escreve a história para expor os efeitos dessas leis.

O modo contextualista possui uma concepção funcional. Nessa forma argumentativa, os eventos podem ser explicados ao serem inseridos no contexto de sua ocorrência, eles são comparados com outros eventos ocorrentes em mesmo espaço histórico circundante, procurando ver as inter-relações funcionais existentes entre agentes e agências que ocupam o campo num dado momento, ou seja, busca relativa integração dos fenômenos.

A explicação dos motivos pelos quais os fatos narrados aconteceram de determinada maneira se pauta em generalizações que tendem a integrar ou a dispersar os eventos apresentados no enredamento, e é exatamente isso que confere ao relato diferentes formatos argumentativos.

Explicando um pouco mais cada modo de argumentação, segundo White o formismo consiste em uma busca pela singularidade dos objetos em investigação. Ou seja, “a tarefa da explicação histórica consiste em dissipar a percepção das similaridades que parecem ser partilhadas por todos os objetos”.¹⁰ Sendo isso, essa estratégia explicativa está presente naquelas produções historiográficas que descrevem demasiadamente os fenômenos do campo histórico. O modo formista representa o mais alto grau de dispersão em suas análises entre as explicações formais mencionadas por Hayden White.

No organicismo o historiador tende a ver as entidades individuais como componentes de processos que agregam em totalidades, que são maiores ou qualitativamente diferentes da soma das suas partes. Não há leis universais que regem a história, mas princípios ou ideias que norteiam os processos e que estão presentes tanto nos eventos tomados isoladamente como no processo como um todo.

¹⁰ WHITE, Hayden. Teoria literária e escrita da história. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 7, n.13, p. 21-48, 1994. p. 29.

O modo de argumentação mecanicista identifica leis de caráter universal, capazes de explicar o passado e o presente. Neste tipo de argumentação formal, as leis causam tais ou quais contextos. De acordo com Hayden White,¹¹ após encontrar as leis que governam a história, o historiador mecanicista “aplica essas leis aos dados de modo a tornar suas configurações compreensíveis como funções dessas leis”. White usa a conhecida relação entre a Superestrutura e a Infraestrutura, formulada por Marx, como exemplo de explicação por argumentação formal do tipo mecanicista, cujas transformações nas relações materiais de produção e existência (Infra-estrutura) condicionam as transformações nas instituições sociais e culturais (Superestrutura), mas que a relação contrária ou inversa não prevalece.

Na teoria de White, argumentos contextualistas são aqueles que buscam uma integração dos fenômenos discernidos em províncias finitas de ocorrência histórica com tendências de gerais e períodos e épocas.¹² O contextualista, depois de isolar qualquer elemento do campo histórico como assunto de estudo, passa a escolher os fios que o ligam a diferentes áreas do contexto. Segundo White, esses “fios” são, depois de identificados, esticados no espaço natural e social circundante dentro do qual ocorreu o evento, e no tempo com a finalidade de determinar seu impacto e influência sobre os eventos subsequentes.

Modo de implicação ideológica

Além de um enredo específico e uma forma de argumento particular, a narrativa histórica também possui o modo de explicação por implicação ideológica, que reflete o elemento ético e a posição ideológica do historiador. Segundo Karl Mannheim¹³ o anarquismo, o conservadorismo, o radicalismo e o liberalismo são as posições ideológicas básicas.

Interessado no trabalho de intelectuais que procuram transformar ou manter o *status quo* recorrendo a concepções específicas do processo histórico, White percebeu que a forma dada pelo historiador ao seu relato tem implicações ideológicas

¹¹ Ibidem, p. 33.

¹² Ibidem, p. 33.

¹³ MANNHEIM, Karl *apud* WHITE, Hayden. **Meta-História: A imaginação Histórica do século XIX**. Tradução de José Laurêncio de Melo. 2º Ed. São Paulo: Editora da USP, 2008. p. 37.

concordantes com um dos posicionamentos citados acima, assim, toda ideia da história é também acompanhada por implicações ideológicas.

Neste nível do discurso narrativo se localiza o elemento político assumido pelo historiador em relação as condições de seu mundo contemporâneo, tenha ele consciência disso ou não. Hayden White¹⁴ conceitua ideologia como um “conjunto de prescrições para a tomada de posição no mundo presente da práxis social e a atuação sobre ele (seja para mudar o mundo, seja para mantê-lo no estado em que se encontra)”.

Segundo White, o historiador evidencia sua preferência a uma ou outra posição – conservantismo, liberalismo, radicalismo e anarquismo – ao atribuir tal ou qual valor à instituição social existente, como se lê no trecho abaixo acerca do que as ideologias representam:

Representam diferentes atitudes com respeito à possibilidade de reduzir o estudo da sociedade a uma ciência e à desejabilidade de fazê-lo; diferentes noções das lições que as ciências humanas podem ministrar; diferentes concepções da desejabilidade de manter ou mudar o status quo social; diferentes concepções da direção que as mudanças do status quo deve tomar e os meios de efetivar tais mudanças; e finalmente diferentes orientações temporais (uma orientação para o passado, o presente ou o futuro como repositório de um paradigma da forma ‘ideal’ de sociedade).¹⁵

Quanto as características de cada ideologia, White explicou que o relato conservador desconfia das transformações rápidas da ordem social, reconhece a existência de uma estrutura fundamental sólida da sociedade. Nesse posicionamento, as mudanças são eficazes quando não alteram as relações estruturais. O entendimento acerca da evolução histórica limita-se ao aperfeiçoamento da estrutura social vigente.

O liberalismo enxerga as mudanças sociais como ajustes de um mecanismo, por exemplo, um ajuste no ritmo social dos processos eleitorais, educacionais etc. Esse posicionamento ideológico descarta quase totalmente a tentativa de melhora da estrutura, colocando tal possibilidade em um futuro muito remoto.

A ideologia do radicalismo acredita na necessidade de mudanças estruturais visando reconstituir a sociedade sobre novas bases, busca meios revolucionários para concretizar o Estado utópico iminente. Os radicais procuram entender as leis das estruturas e bem como os processos históricos.

¹⁴ WHITE, Hayden. **Meta-História...** Op. Cit., p. 36-37.

¹⁵ *Ibidem*, p. 38.

Por fim, o anarquismo idealiza um passado remoto de inocência natural humana, por isso, tem a visão de abolir a sociedade por completo e substituí-la por uma comunidade de indivíduos ligados pelo sentimento de humanidade.

Assim, ao estruturar essas quatro posições ideológicas, o autor reforçou o seu objetivo de “indicar como as considerações ideológicas entram nas tentativas do historiador de explicar o campo histórico e construir um modelo verbal dos processos desse campo numa narrativa”.¹⁶

O estilo historiográfico

Um último aspecto apontado por Hayden White diz respeito a teoria dos tropos. O teórico estadunidense estabeleceu que as correlações das estratégias tropológicas de prefiguração com os variados modos de explicação empregados pelos historiadores em suas obras fornecem um meio para caracterizar os estilos de certos historiadores.¹⁷

No fragmento abaixo, podemos ver como White considerou o que ele mesmo chamou de “o problema dos estilos historiográficos”:

Em minha opinião, um estilo historiográfico representa uma combinação particular dos modos de elaboração de enredo, argumentação e implicação ideológica. Mas os diversos modos de elaboração de enredo, argumentação e implicação ideológica não podem ser indiscriminadamente combinados numa determinada obra. Por exemplo, um enredo cômico não é compatível com um argumento mecanicista, assim como uma ideologia radical não é compatível com um enredo satírico. Há, por assim dizer, afinidades eletivas entre os modos que poderiam ser usados para alcançar uma impressão explicativa nos diferentes níveis de composição. E essas afinidades eletivas baseiam-se nas homologias estruturais que se podem discernir entre os possíveis modos de elaboração de enredo, argumentação e implicação ideológica.¹⁸

White chama de estilo historiográfico a combinação de modos de elaboração de enredo, argumentação e implicação ideológica. Para o autor, existem afinidades entre os vários modos que poderiam ser usados para alcançar uma impressão explicativa durante a escrita da narrativa histórica. Essas afinidades não são combinações necessárias dos modos num determinado historiador, isso significa que antes mesmo de poder aplicar aos dados do campo histórico o aparato conceptual representativo para explicá-lo, o

¹⁶ Ibidem, p. 41.

¹⁷ Ibidem, p. 434.

¹⁸ Ibidem, p. 43-44.

historiador terá primeiro que prefigurar o campo, isto é, constituí-lo como objeto de percepção mental.

Neste sentido, para White

este ato de prefigurativo é poético, visto que é precognitivo e pré-crítico na economia da própria consciência do historiador. É também poético na medida em que é constitutivo da estrutura cuja imagem será subsequentemente formada no modelo verbal oferecido pelo historiador como representação e explicação daquilo ‘que realmente aconteceu’ no passado.¹⁹

Ao explicar a sua teoria de classificação das formas estruturais das narrativas históricas, Hayden White definiu que os tropos, ou as figuras de linguagem metáfora, metonímia, sinédoque e ironia apresentam a base para a análise da linguagem poética utilizada pelos historiadores.

Os tropos são espécies de figuras de linguagem, que por sua vez são maneiras de usar palavras, expressões ou pensamentos fora de seu significado próprio. Para Ricardo Marques de Mello²⁰ o pressuposto presente em toda figura de linguagem é a existência de um significado próprio, literal nas palavras, expressões ou pensamentos e que a figura de linguagem representa um desvio ao sentido ou significado original, padrão, no qual uma palavra, expressão ou pensamento foi inicialmente criado.

Para White, o que determina de forma geral os tropos são as relações que se estabelecem internamente no discurso sobre determinados fenômenos. “Há uma primeira caracterização do objeto e em seguida um movimento figurativo designando o que aquilo significa. Porém, cada tropo opera esse movimento de modo particular”.²¹

Desse ponto de vista a metáfora corresponde a uma linguagem essencialmente representacional, enquanto a metonímia comporta a linguagem reducionista, a sinédoque é integrativa e a ironia negacional.

Considerando apenas o tropo da metáfora, da metonímia e da sinédoque, White explicou que:

¹⁹ Ibidem, p. 45.

²⁰ MELLO, Ricardo Marques de. Teoria do Discurso Historiográfico de Hayden White: Uma Introdução. **Revista OPSIS**, Catalão, v. 8, n.11, p. 120-145, junho/dezembro de 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/Opsis/issue/view/800>>. Acesso em: dezembro de 2010.

²¹ MELLO, Ricardo Marques de. Op. Cit., p. 125.

No próprio uso lingüístico, o pensamento se abastece de possíveis paradigmas alternativos de explicação. A metáfora é representacional no sentido em que poderá sê-lo o formismo. A metonímia é redutiva à maneira mecanicista, enquanto a sinédoque é integrativa como o é o organicismo. A metáfora sanciona a prefiguração do mundo da experiência no plano da relação objeto-objeto, a metonímia no da relação parte-parte e a sinédoque na relação objeto-todo.²²

Hayden White classifica esses três tropos citados como ingênuos por necessitarem crer na capacidade da linguagem para apreender a natureza das coisas em termos figurados. Em contraste com ele o tropo da ironia consiste na auto-anulação verbal. A ironia, assim, representa um estágio da consciência em que se reconhece a natureza problemática da própria linguagem, o alvo do enunciado irônico é afirmar tacitamente a negação do que no nível literal é afirmado positivamente, ou o inverso.

Por fim, na visão de White cada um dos modos de reflexão histórica pode ser visto como uma etapa dentro de uma tradição de discurso que evolui das formas de percepção metafórica, metonímica e sinédóquica do mundo histórico para uma apreensão irônica do irredutível relativismo de todo o conhecimento.

Respondendo as críticas

Realizada a exposição da teoria de White acerca de como a narrativa histórica funciona em termos epistemológicos e estruturais, passamos a mostrar como tem sido a receptividade de tal teoria, como também as críticas que tem recebido.

O fragmento seguinte introduz uma das ideias chaves do autor acerca da história e demonstra a dificuldade existente de entender ou aceitar as implicações delas:

Crucial to the Hayden White case is that stories are imposed, not given or found in the past. In White's view, relationship among historical events exist 'only' in the mind of the historian.

This is, as it stands, an extraordinarily strong assertion. If we really believed this in its full sense (and I can hardly think that even Hayden White or his followers actually conduct their own lives on this basis), we would have to say that there are (or were) no real connections between different things which happened in the past: that there are no real causes, or combinations of causes, for which we can look, when seeking to explain particular outcomes. Any attempt to recount a sequence of events as though earlier ones stood in some intrinsic relation to later ones would be merely an imposition by the person recounting.²³

²² WHITE, Hayden. **Meta-História...** Op Cit., p. 50.

²³ FULBROOK, Mary. **History Theory**. London: Routledge, 2002. p. 66.

Admitindo que as afirmações de White são de forte implicação, a historiadora alemã Mary Fulbrook diz também que ele é a voz mais influente no debate sobre a representação histórica no final do século XX. A historiadora considera o trabalho dele em *Meta-história* como um trabalho seminal.

No quadro daqueles que empreenderam projetos para determinar as propriedades específicas da narrativa histórica, Hayden White encontra-se dentre os primeiros, na compreensão crítica de Roger Chartier. Para ele a primazia de White esteve em identificar as figuras retóricas que comandam ou restringem todos os modos possíveis de narração. Segundo Chartier, a obra *Meta-História* é “tida por muitos como a mais importante das que submeteram a história a um *linguistic turn*”.²⁴

Diante da diversidade dos temas tratados por White e a variedade das críticas que ele recebeu, vamos focar neste artigo as quatro principais objeções levantadas pelos críticos à sua obra e já respondidas por ele no texto *Teoria Literária e Escrita da História*.

Primeira objeção apresentada por White diz respeito ao determinismo linguístico. Segundo seus críticos a sua teoria reduziria a escrita da história há um determinismo linguístico, na medida que o discurso histórico seria privado da sua busca pela verdade e seria reduzido ao domínio da ficção. Hayden White argumentou que na verdade a tropologia é uma teoria do discurso, não da mente ou da consciência. Portanto, embora assumamos que a figuração não pode ser evitada no discurso, a teoria, longe de implicar o determinismo linguístico, procura fornecer o conhecimento necessário para uma escolha livre entre diferentes estratégias de figuração.

Respondendo a objeção de que a teoria tropológica implicaria apresentar os próprios objetos da história como construções da linguagem, Hayden White argumentou que ela não sugere que "tudo" é linguagem, fala, discurso ou texto, mas apenas que a referencialidade e a representação linguística são assuntos muito mais complicados do que as antigas noções literalistas da linguagem e do discurso entendiam. A tropologia sublinha a função metalinguística, mais do que referencial, de um discurso porque está mais preocupada com os códigos do que com as mensagens contingentes que possam ser transmitidas por meio de usos específicos desses códigos.

²⁴ CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2002. p. 105.

Sobre o questionamento de que na teoria tropológica da linguagem, não poderíamos mais apelar para “fatos” a fim de justificar ou criticar qualquer interpretação da realidade, Hayden White explicou que quando os críticos analisam a estrutura tropológica de um texto, eles estão falando sobre fatos - fatos de linguagem, de discurso e de textualidade - mesmo se estão falando numa linguagem que sabem ser tão figurativa quanto literal. Eles estão se referindo a coisas que percebem ou acreditam perceber no texto, mesmo se estão se referindo tanto na maneira indireta da fala figurativa quanto na maneira direta da fala literalista.

Por fim, ao ser acusado de estabelecer uma teoria que destruiu a diferença entre fato e ficção, abalando o status epistemológico do conhecimento histórico, o autor esclareceu que a sua teoria apenas redefine as relações entre os dois dentro dos discursos. Para Hayden White se não existem fatos brutos, e sim eventos sob diferentes descrições, então a factualidade torna-se questão dos protocolos descritivos para transformar eventos em fatos, assim os eventos acontecem e os fatos são constituídos pela descrição linguística.

Segundo White, o modo da linguagem usado para constituir os fatos pode ser formalizado e governado por regras, como nos discursos científicos e tradicionais, este modo pode ser relativamente livre, como em todo discurso literário modernista ou pode ser uma combinação de práticas discursivas formalizadas e livres.

Considerações finais

As discussões feitas ao longo deste artigo foram norteadas por um interesse: as fronteiras entre a História e a Literatura. A partir da análise da teoria de Hayden White acerca do trabalho histórico tentamos compreender como a sua teoria aproxima a estrutura da narrativa histórica daquelas estruturas que podem ser encontradas nas narrativas literárias.

Para White, a narrativa histórica se desenvolve em três níveis denominados por ele de explicação por elaboração de enredo, explicação por argumentação formal e explicação por implicação ideológica. Assim, a combinação das estratégias explicativas do nível estético, do nível epistemológico, do nível ético caracteriza o estilo historiográfico específico que o autor/historiador partilha.

Mesmo que para alguns Hayden White represente uma nova era na historiografia que venceu as barreiras do objetivismo, e que para muitos outros ele seja o símbolo da invasão do relativismo no terreno da historiografia, este artigo não teve o objetivo de aderir a nenhum dos dois lados da interpretação sobre a obra de White, mas sim, apresentar e analisar as dimensões do texto historiográfico e os componentes e instrumentos elaborados por White, cujas aplicabilidades tentamos demonstrar.

Referências bibliográficas:

BARTHES, Roland. **O Rumor da língua**. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2002.

FULBROOK, Mary. **History Theory**. London: Routledge, 2002.

MELLO, Ricardo Marques de. Teoria do Discurso Historiográfico de Hayden White: Uma Introdução. **Revista OPSIS**, Catalão, v. 8, n.11, p. 120-145, junho/dezembro de 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/Opsis/issue/view/800>>. Acesso em: dezembro de 2010.

WHITE, Hayden. **Meta-História: A imaginação Histórica do século XIX**. Tradução de José Laurêncio de Melo. 2º Ed. São Paulo: EdUSP, 2008.

WHITE, Hayden. Teoria literária e escrita da história. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 7, n.13, p. 21-48, 1994.